

## MEMÓRIA E ARQUIVO EM NARRATIVAS AMAZÔNICAS

Cíntia de Oliveira Bastos<sup>1</sup>  
Marcos Frederico Krüger Aleixo<sup>2</sup>

**Resumo:** Faz parte da cultura do caboclo amazônico eternizar suas manifestações folclóricas, suas narrativas e seus costumes através da oralidade. Faz isso porque enquanto humano busca uma forma de registrar, tornar eterna sua existência. Esse costume teve início nos povos primitivos que aqui viviam – os indígenas. Não me reporto aos que ainda se fazem presentes, mas aos que aqui estavam na época do “descobrimento” do Brasil. Muitas das narrativas foram registradas no papel, outras somente na memória, e por isso, talvez, possam se perder com o passar do tempo. Para evitar essa perda surge a palavra arquivo, mas como e para quê arquivar? Essas respostas e outros assuntos pertinentes serão abordados neste artigo que traz um resultado parcial de narrativas orais coletadas na Comunidade Ribeirinha do Julião, localizada a 25 km do centro de Manaus. E tem como objetivo discorrer sobre duas narrativas encontradas, o primeiro lugar em que elas são guardadas – a memória, e seus possíveis registros até então. Para tanto, farei uso dos pressupostos teóricos de Derrida e de outros que julgar necessários.

### 1. Introdução

No século XVI não havia um falante sequer de língua portuguesa na Região Amazônica, no entanto, havia, aproximadamente, 700 línguas indígenas. Segundo FREIRE<sup>3</sup>, esses povos não tinham a escrita, mas tinham a memória e nela guardavam seus costumes, tradições e narrativas. Uma cultura passada de geração em geração através da palavra dita.

Na infância, principalmente, ouvíamos muitas histórias, daquelas que os mais velhos contavam. Cada uma mais interessante do que a outra. Na cabeça, imagens iam

---

<sup>1</sup>Cíntia de Oliveira BASTOS. Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Programa de Pós-graduação em Letras e Artes. (PPGLA). [Cinthia-obastos@bol.com.br](mailto:Cinthia-obastos@bol.com.br)

<sup>2</sup>Marcos Frederico KRÜGER Aleixo. Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Programa de Pós-graduação em Letras e Artes. (PPGLA). [marcosfrederico@uyol.com.br](mailto:marcosfrederico@uyol.com.br)

<sup>3</sup>(FREIRE, 2004. p.16)

aparecendo, pensamentos sendo formados, comportamentos, aos poucos, normatizados. Parecia que o tempo parava quando elas começavam, e eles, os narradores, contavam para encantar, mas, também para ensinar. Essas histórias eram as lendas. Walter BENJAMIM<sup>4</sup>, a respeito delas, diz que “quando o bom conselho era caro, a lenda sabia dá-lo e quando os cuidados eram extremos, sua ajuda era a mais próxima. Esses cuidados eram os do mito”.

Os mitos estão presentes em todas as sociedades, das mais arcaicas às mais desenvolvidas. São encontrados nos atos de criação e vão se misturando à história do lugar. Segundo KRÜGER<sup>5</sup>, eles podem ser: cosmogônico, etiológico ou escatológico. O primeiro narra a origem do universo e do homem; o segundo, a origem de um rio, de uma planta; e por fim, o último trata do fim do mundo. Diferentes deles, as lendas, são Narrativas Simples, assim conceituadas por JOLLES<sup>6</sup>, por resultarem de criação espontânea, não elaborada, surgidas anonimamente que vão passando de geração em geração, de povo para povo. A existência delas depende de um narrador e localiza-se em um determinado espaço geográfico – o lugar.

Longe de ser o autor de uma história, ainda que assim possa se julgar, esse narrador possui uma responsabilidade imensa de manter acesa a chama das narrativas. Nenhum é igual ao outro, cada um tem características únicas na hora de contar. A narrativa oral depende, principalmente, dele. Um bom narrador cria no ouvinte expectativas e ilusões, consegue despertar o imaginário, e se isso acontece é até chamado para recontá-la, mas, do contrário, as pessoas o escutam por educação, e não sentem vontade de recontar a história, outrora sem graça, sem vida.

É bem verdade que quanto mais o tempo passa e mais ele conta as histórias, mais experiência ganha na arte de narrar e fixa até mais o conteúdo, evitando o esquecimento. Nas comunidades ribeirinhas, ele se utiliza dessas narrativas para fazer rir ou despertar temor em seus ouvintes. Uma das principais características desse narrador é ter uma boa memória, lugar onde são guardadas essas narrativas.

Sabe-se que a memória neste processo é indispensável, porém não está assegurado a ela nenhum tipo de estabilidade ou permanência. Por este motivo, faz se

---

<sup>4</sup> (BENJAMIM, 1975. p.76)

<sup>5</sup> (KRÜGER, 2010. p. 12)

<sup>6</sup> (JOLLES, 1930. p.)

necessário um arquivo literário dessas narrativas. Para tanto, este artigo traz um resultado parcial de um projeto que busca coletar as narrativas orais encontradas na Comunidade do Julião. Ou seja, será criado e, posteriormente organizado um arquivo literário para que não sejam perdidas as narrativas que ainda restam, uma vez que essa comunidade possui moradores vindos de vários municípios do Amazonas, mas também de Manaus.

Memória, tão importante que, segundo LE GOFF<sup>7</sup>, Simônides de Céos – filho de Leoprepe, precisou dela para se lembrar a posição que estava Scopa e seus convidados antes de o teto desabar sobre eles, somente por isso puderam devolver os corpos aos familiares de cada um. A Mnemônica auxilia a memorizar dados utilizando o método da associação a informações previamente estabelecidas nas cabeças das pessoas, em relação ao espaço, particularidades ou de outro aspecto referentes ao indivíduo que absorve. Essa memória faz uma recordação mítica, por exemplo, tornar-se eterna.

Ela é alimentada pelo imaginário despertado diferentemente a respeito de uma mesma imagem na mente de cada pessoa. Esse imaginário é segundo TRINDADE e LAPLATINE:<sup>8</sup>

Um processo cognitivo no qual a afetividade está contida, traduzindo uma maneira específica de perceber o mundo, de alterar a ordem da realidade. [...] A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhe significados. Se o imaginário recria e reordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real.

O espaço geográfico, como foi citado mais acima, tem muita importância nesse processo. As tribos que viviam no interior da floresta tinham histórias diferentes das que moravam às margens dos rios. Às vezes, o que era ficção para uma, era verdade para outra, e vice-versa. O Rio Negro, por exemplo, é caudaloso em extensão, e possui em torno de si certo encantamento, deslumbramento, e desperta temor. Em seu leito cabem

---

<sup>7</sup>(LE GOFF, 2005. p. 435).

<sup>8</sup>(TRINDADE E LAPLATINE, 1997. p. 80).

muitas histórias. Dentre elas, as duas que serão narradas aqui: a do Boto e a da Cobra Grande. Esta tem muitas versões, é também conhecida, segundo DONATO<sup>9</sup>, como:

BOIÚNA – de *mboi* cobra e *una* preta, o mito mais difundido no Amazonas é descrito por Alfredo da Mata (vocabulário Amazonense): “... transforma-se em as mais disparatadas figuras: navios, vapores, canoas... engole pessoas. Tal é o rebojo e cachoeiras que faz, quando atravessa o rio, e o ruído produzido, que tanto recorda o efeito da hélice de um vapor. Os olhos quando fora d’água semelham-se a dois grandes archotes, a desnortear até o navegante”. Foi parte ou origem (como afirma Couto Magalhães) de um ciclo mítico de que participa a lenda “Como apareceu a noite”, segundo a qual, a Cobra Grande (Mboiaçu) casa a filha e manda-lhe a noite presa dentro de um caroço de tucumã (*Astrocarium tucumã*, Mart.) Os portadores, curiosos, abrem o caroço, libertam a noite e são punidos. P. 56.

Já aquela sofre poucas alterações quanto à descrição do personagem. Donato também o descreve como:

BOTO – (*Iniageoffrensis*). Sob diversos nomes populares é o animal amazônico e maior presença folclórica. Sedutor de moças ribeirinhas descuidadas e conseqüente pai de todos os filhos “de responsabilidade desconhecida”. “Nas primeiras horas da noite transforma-se num bonito rapaz, alto, branco, forte, grande dançador e bebedor, e aparece nos bailes, namora, conversa, frequenta reuniões e aparece fielmente aos encontros femininos. Antes da madrugada, pula para a água e volta a ser boto.” Sua fama de sedutor é do século 19. Registrou-a seu estudioso mais demorado (1848-1859) Henry Walter Bates (The naturalistonthe River Amazons, Londres, 1864).

Na Comunidade do Julião, banhada pelo rio Negro, foram encontradas essas duas histórias. A do boto não difere muito do que foi registrado por este autor, com exceção ao tempo, pois passa a noite dançando e pode voltar à água no fim da madrugada.

---

<sup>9</sup> (Donato, S/D. p. 57)



Já a da Cobra grande sofre mais distanciamento. Lá, essa cobra mora no rio, mas não aparece com certa frequência, pois é muito grande, apresentando dificuldades de locomoção. Foi caracterizada como: sendo preta e lisa. Possui, ainda, escamas, cheiro forte de “pitiú”, tamanho e largura exorbitantes, olhos brilhantes como dois faróis. Ela encanta e engole a vítima sem estraçalha-la. Age sempre à noite, o que diminui os hábitos das saídas noturnas do povo em direção ao rio. O mais interessante é que, apesar de a descrição ser tão detalhada, nunca foi vista por seu narrador, não do tamanho que dizem ser, mesmo assim narram como se fossem testemunha ocular.

Essa cobra, de locomoção noturna, vivia numa comunidade vizinha debaixo da terra, às margens do rio. E lá ficou por muitos anos sem se mexer, não se mexia por que vivia dormindo, dificilmente se acordava, e quando isso ocorria, não saía do lugar. Uma vez ou outra alguém sumia no local, diziam os moradores que essas pessoas caíam na água e eram encantadas e sugadas pela cobra. Mas com o passar do tempo, não se sabe o motivo por que ela se mexeu e saiu em direção ao rio. Essa saída causou um imenso estrondo ouvido por todos nas redondezas. No outro dia, viram o imenso buraco deixado por ela – um verdadeiro rombo que se encheu de água, conhecido por todos os moradores como o Lago do Arrombado.

Essa experiência de campo mostra como a literatura oral está presente na vida cotidiana das pessoas. Ela por ora se manifesta como literatura, outrora como fato. Mas a literatura é isso mesmo, apesar de o termo se referir à escrita, ela encontra base na oralidade, na realidade, na existência. O que se pôde constatar foi a mistura dessa realidade com a figura mitológica da cobra e outros acontecimentos geográficos do lugar. A cobra Sucuriú ou Sucuri existe na região Amazônica e, de longas datas, participa do processo de mudança de hábitos na vida dos ribeirinhos, assim como o processo de terras caídas, apesar de ser mais frequente em águas barrentas.

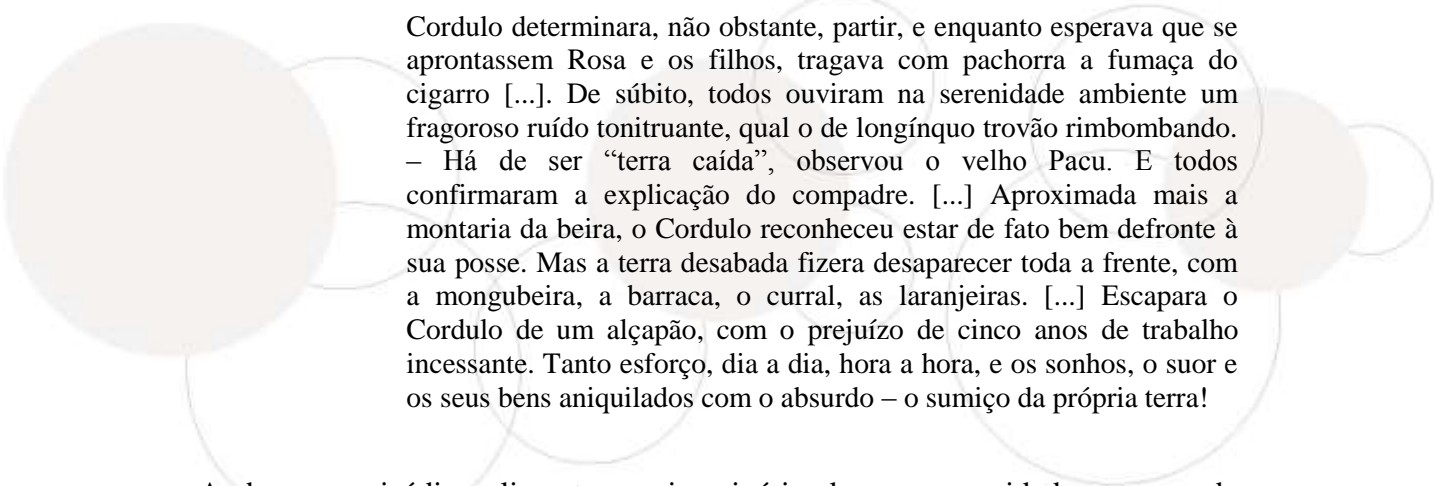
Nas comunidades ribeirinhas da Amazônia, vários foram os acontecimentos envolvendo os dois processos, onde muitas famílias perderam posses e entes queridos. Esta última perda é observada na obra de MÁRIO YPIRANGA<sup>10</sup>, onde o autor mostra um recorte de jornal que narra a história de um casal. Ela, esposa dedicada, lavava roupas enquanto o marido limpava peixes às margens do rio. O filho mais novo de três

---

<sup>10</sup> (MÁRIO YPIRANGA, 1995. p.104)

anos brincava perto da água quando foi surpreendido por uma cobra gigantesca de 15 metros, o pai e os vizinhos correram para retomar a criança, atiraram na cobra, mas ela rapidamente levou a criança para o fundo do rio. Essa família não suportando viver no lugar que alimentava suas lembranças de momentos tristes e felizes, mudou-se. Não só de lugar, mas de vida.

Sobre o fenômeno das terras caídas, RANGEL<sup>11</sup> representa a dor da perda do homem caboclo num de seus capítulos da obra *Inferno Verde* através de uma família cujos personagens são: José Cordulo, Rosa e seus três filhos.



Cordulo determinara, não obstante, partir, e enquanto esperava que se aprontassem Rosa e os filhos, tragava com pachorra a fumaça do cigarro [...]. De súbito, todos ouviram na serenidade ambiente um fragoroso ruído tonitruante, qual o de longínquo trovão rimbombando. – Há de ser “terra caída”, observou o velho Pacu. E todos confirmaram a explicação do compadre. [...] Aproximada mais a montaria da beira, o Cordulo reconheceu estar de fato bem defronte à sua posse. Mas a terra desabada fizera desaparecer toda a frente, com a mongubeira, a barraca, o curral, as laranjeiras. [...] Escapara o Cordulo de um alçapão, com o prejuízo de cinco anos de trabalho incessante. Tanto esforço, dia a dia, hora a hora, e os sonhos, o suor e os seus bens aniquilados com o absurdo – o sumiço da própria terra!

Ambos os episódios alimentam o imaginário dessas comunidades, apesar de serem casos isolados alcançam a memória coletiva. São renovados pela própria geografia do lugar. Saem desse espaço para a mente, e posteriormente, mesmo distante de lá, continuam bem vivos e guardados no maior arquivo humano – a memória. São passados de geração em geração, só no “boca a boca”. Descem os rios e chegam até as cidades, onde perdem forças, pois já não contam mais com a ajuda e a força do lugar. A imagem da cobra tornou perpétua na memória desde tempos primórdios, em alguns casos recebe asas e expele fogo. Não é diferente no Amazonas, uma vez que a cobra sucuri apresenta estrutura física exorbitante, porém não se sabe o que é maior, se é a cobra real ou a imaginária.

Essas duas narrativas estão na obra de alguns autores, mas, vale ressaltar que, os textos não são deles, não se sabe por quem, precisamente, foram criados e nem onde.

---

<sup>11</sup> (RANGEL, 1995. p. 65-67).

Porém, essa prática que vem crescendo cada vez mais, só tem colaborado para um registro definitivo delas.

A lenda do boto, por exemplo, é bastante conhecida dentre essas narrativas na Amazônia, foi apropriada por autores como Antônio Juraci SIQUEIRA<sup>12</sup> e Elson FARIAS<sup>13</sup>, este com a obra infantil Viajando com o Boto no Fundo do Rio onde Zezé (personagem principal) viaja nas costas de um boto encontrando outras lendas no perau. Lá, o boto não é aquele que somente seduz, mas principalmente protege a natureza assustando os pescadores na piracema. E, aquele com o cordel O Chapéu do Boto, onde uma de suas estrofes descreve a chegada do personagem:

Vinha sozinho e vestindo  
Terno branco, cinturão  
Com dois rubis na fivela,  
Sapatos cor de alcatrão  
Feitos do mais fino couro,  
Um belo relógio de ouro  
E um vistoso chapelão.

Em relação a alguns registros da narrativa oral da cobra grande, a obra Órfãos das águas: uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer Wilson NOGUEIRA<sup>14</sup> mostra que ela encanta, amedronta e mata respectivamente como conta nos trechos abaixo:

Cate não sabe mais se é noite ou se é dia. [...] De repente, o rio fica turvo no entorno da canoa. Bolhas monstruosas brotam das profundezas, e delas exala um fedor insuportável de pitiú e de mato apodrecido. [...] Ele tenta pegar o gatilho da espingarda, mas faltam-lhe força e pontaria. [...] Do meio das bolhas fedorentas emerge uma enorme sucuri, que aplica nele um severo bote, puxando-o logo para o fundo.

Sabe-se que assim como as línguas eram muitas, as narrativas também eram. Cada tribo tinha uma versão para o mito de criação, por exemplo, assim como para outras narrativas, adequando-as de acordo com suas necessidades. No entanto, muitas dessas tribos foram dizimadas, devido a isso, muitas dessas histórias não chegaram e

---

<sup>12</sup> (SIQUEIRA, 2007. p.5)

<sup>13</sup>(FARIAS, 2002)

<sup>14</sup> (NOGUEIRA, 2011. p. 51-52)

nem chegarão até nós. As histórias acima mencionadas, conforme foi dito já estão de, alguma forma, registradas.

A escrita também é uma forma de arquivo. Mas quando pensamos nessa palavra, vem à mente a imagem de armários com gavetas cheias de pastas organizadas desde a letra A até a Z. Mas o que pretendo é mostrar que vai muito além desse simples conceito criado em nossas cabeças. Segundo DERRIDA<sup>15</sup>, a palavra arquivo carrega em si a memória do nome *arkhê*, dois princípios: o começo e o comando. Este é o princípio nomológico, ou seja, o lugar a partir de onde é dada a ordem, onde os homens e os deuses comandam. Já aquele, o princípio físico, histórico ou ontológico: onde as coisas começam.

E o seu sentido vem da palavra *arkheion* – “inicialmente uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam”. Esses cidadãos tinham o poder político de representar e fazer a lei. Por isso, os documentos oficiais eram guardados na casa deles aos cuidados dos arcontes, que também tinham a competência de interpretar as leis. E foi assim que os arquivos nasceram.

Mas podem surgir perguntas: Como se arquivar narrativas orais e, para quê?

Desde os primórdios, as narrativas antes de serem registradas através da escrita eram ouvidas por diversas vezes e, posteriormente, escritas, não tão simples assim, de um processo a outro temos vários passos, além dos anos de desenvolvimento deles. No Brasil encontramos registros desse tipo de trabalho há algum tempo, podem-se citar alguns pioneiros nesse meio, conforme FREIRE<sup>16</sup> são eles: José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898) coletou lendas tupis em suas viagens; Charles Frederick Hartt (1840-1878) coletou mitos amazônicos sobre a tartaruga; João Barbosa Rodrigues (1842-1909) coletou contos e cantigas, entre outros também importantes.

Para que seja feito o registro dessas e outras narrativas a partir do lugar, será feito, em primeiro lugar, uma divisão entre as famílias residentes em duas partes: os oriundos do interior do Estado e os da capital, posteriormente, a coleta. Essa coleta acontecerá em forma de entrevistas e utilizará como meio instrumentos que possibilitem

---

<sup>15</sup> (DERRIDA, 2001. p.12)

<sup>16</sup> (FREIRE, 2004. p.140)



a gravação de voz e a filmagem. Então, o material coletado será guardado na íntegra, para utilização por outros pesquisadores da área de linguística, literatura ou áreas afins e uma cópia será transcrita do oral ao textual.

## 2. Conclusão

Por fim, a partir dessa transcrição, obter-se-á como produto final um e-book contendo as narrativas, de forma que sirva para divulgação delas. E também guardar a memória coletiva daqueles que com ele contribuíram até então, e os que ainda contribuirão, uma vez que o projeto está em andamento.

## Referências bibliográficas

BENJAMIM, Walter. **O narrador**. IN: Os pensadores XLVIII. São Paulo. Abril Cultural, 1975.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução: Cláudia de Moraes Rego – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DONATO, Hernâni. **Dicionário de Mitologia**. Ed. Cultrix LTDA. São Paulo. S/D.

FARIAS, Elson: **Viajando com o boto no fundo do rio**. Manaus: Editora Valer, 2002.

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

LAPLATINE, François. TRINDADE, Liana. **O que é o imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão... [et al]. 5ª ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Cobra Grande: lenda-mito**. Edições Nheenquatiara 9. São Paulo, 1995.

NOGUEIRA, Wilson. **Órfãos das águas – Uma história de homens e bichos num planeta ameaçado de desaparecer**. 3ª edição. Manaus: Editora Valer, 2011.

OLIVEIRA, José Alcimar de. KRÜGER, Marcos Frederico Aleixo. **Filosofia da Educação I: mitos, ciências e educação**. Manaus/AM: UEA Edições, 2010. – (Série Pedagogia Intercultural; 2 ).

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas**. 6ª edição – Manaus: Editora Valer, 2008.

SIQUEIRA, Antônio Juraci. **O chapéu do boto**. 5ª Ed. Condor: Belém-PA, 2007.

